



Ao lado destes, Bridget Riley propõe arranjos «op» que vão longe por um caminho que (sei-o de outras fontes — quando era aqui que devia aprendê-lo) tenta menos o interesse anglo-saxónico.

«Op» se apresenta a secção suíça, numa unidade de obra comum. Aqui, porém, a proposta não é dinâmica, gerando movimento, mas explora uma outra categoria, de intensidade — e é impossível escapar ao poder funcional deste «stand» alvíssimo, cujas três paredes altamente iluminadas se compõem de relevos brancos também, duma geometria impecável.

Efeitos «op» se encontram também na Alemanha, nas esculturas de Gunther Uecker, florestas de pregos pintados de branco que alastram ritmicamente sobre mesas, cadeiras, e num disco giratório, produzindo sombras e aflições. Heinz Mack, esmagando redes metálicas entre vidros, cria relevos luminosos de formas cambiantes. Em situações opostas, Konrad Klapheek e Bernd Volke apresentam imagens minuciosas de objectos quotidianos, numa técnica de ilustrador publicitário, ou imagens explodidas dum expressionismo abstracto que alarga o gesto gerador à criação de campos mais uniformes. Com Jochen Hiltmann a linha expressionista vai até extremos figurativos e, nas esculturas apresentadas, contrapõem-se dois domínios de forma (algo impressionista) e de não-forma, magma de que a forma emerge ou na qual ela se dissolve — ambos os sentidos da leitura se tornando possíveis no propósito ambíguo da criação.

No Japão, as altas caligrafias vermelhas de Nobumichi Kondo impõem um gosto tradicional que o tempo reestruturou, enquanto Shoichiro Mori se perde num jogo orgânico de pequenos signos, numa série de painéis a que deu (ciberneticamente, digamos...) o título genérico de «Consciência». Kazuo Yuhara criou outra espécie de signos, em rigorosas construções de sólidos geométricos de alumínio, imperturbáveis ocupantes dum espaço que logo à sua volta se ordena.

São estes os grupos nacionais que algo têm para nos dizer, em unidade de proposta, apesar das tendências diversificadas. No resto da Bienal, a caça a que o visitante se entregue pelas secções estrangeiras fora, tem

resultados minguados, coisa aqui, coisa ali, nada representando, sequer nacionalmente. Orientações definidas, nenhuma — mas as orientações são também efeitos de perguntas que se saibam fazer...

A duma «nova imagística» face à «abstracção lírica», por exemplo — que através de tão vasta exposição fica sem resposta.

Não é certamente o figurativismo canhestro dos Romanos ou dos Búlgaros que constitui informação válida, no complexo cultural do mundo de hoje; nem o dos Mexicanos, nem o da representação portuguesa, ambos alheios, por preconceito ou desconhecimento, ao sentido experimental da jovem pintura que nos dois países se vai tentando.

No lado italiano, uma unidade pretendida (que há dois anos funcionara dentro de propostas museológicas) falhou completamente — e aqui com algum significado histórico. Tratava-se de *informar* (mais do que ilustrar) passos da vida de Cristo, através duma grande liberdade de acção figurativa. «O fim dos mitos, traço característico da nossa época, preocupa não somente os filósofos e os humanistas mas também os cientistas», diz o prefácio da secção nacional italiana — logo acrescentando que os artistas devem tomar parte no debate. Certamente devem fazê-lo — mas o programa italiano mostra-nos exactamente o caminho errado duma proposta mítica tomada num sentido tradicional. Ao fim e ao cabo, tudo se reduz, pelo melhor, num dos expositores, a um painel decorativo uccellesco... E, atendendo a que o tema escolhido foi o da vida de Cristo, isto não deixa de pôr em causa as próprias possibilidades dos movimentos modernos de arte sacra. A remitificação da arte contemporânea, que a crítica italiana foi a primeira a entender, tem certamente outros caminhos, duma semântica que não é tematicamente redutível. Há males positivos — e o desta escolha local assim se pode classificar, na medida em que esclarece a situação duma poética moderna...

Face a este «figurativismo», e para além dum «pop» pouco insistente, outras propostas mais nos interessam: as do sueco K.O. Bjork, com as suas esculturas de matéria plástica escorrendo no espaço formas e títulos inde-